

ARRIGUCCI Jr., Davi. *O cacto e as ruínas. A poesia entre outras artes*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1977. Coleção Mundo Enigma.

*Oswaldo Humberto L. Ceschin**

A obra que inaugura a coleção Mundo Enigma, cujo logotipo reproduz desenho de M. H. Vieira da Silva, especial para a publicação de Murilo Mendes com aquele título, de 1942, apresenta nas ilustrações da capa um detalhe de “Dois bichos na paisagem” e “Acrópole I” de Tarsila do Amaral. Num trabalho gráfico de excelente resultado, insere também seis belíssimas ilustrações referentes aos poemas e aos comentários, no todo um presente do Autor e do Editor aos leitores. Uma iniciativa editorial que se deve agradecer.

“A crítica é a espinha dorsal da modernidade literária.”

Esta resenha poderia iniciar-se com a epígrafe de qualquer trecho da obra em foco; mas essa, apesar de sua natureza e da sua especificidade, inclui-se numa seqüência de outras obras, cada qual cuidadosa e afetuosamente elaborada em benefício da gente, de cada elemento que compõe esse nosso mundo enigma. Rememoro então, numa das páginas d’*O escorpião encalacrado*, há pouco reeditado (1995), em oportuna iniciativa editorial, trecho de um de seus capítulos exemplares que dialogam com os dois modelos ensaios de crítica literária que compõem a preciosa edição de *O cacto e as ruínas*. Insere-se no terceiro capítulo, “Convergências e divergências – o círculo e a espiral” cujas reflexões dialogam com outras igualmente produtivas e decisivas que se delinham n’*O Cacto...* e em outras obras de Davi Arrigucci Jr. Como

(*) Professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, FFLCH/USP.

as que se articulam nos *Achados e perdidos* de que são bons exemplos “O mágico desencantado ou as metamorfoses de Murilo” e o magnífico “Prefácio esquisito” Talvez não careça lembrar que no *Humildade Paixão e Morte. A Poesia de Manuel Bandeira* estão expostos fundamentos da capacidade de penetração e da compreensão dos fenômenos literários de que o crítico é dono e dotado e, também, as motivações e propósitos que o levam a tal devotamento ao trabalho e à criação, com seu engenho.

Procura a substância e a essência em cada acidente ou fragmento ou traço ou vestígio do mais elevado dos trabalhos do homem, numa das mais puras e dignas de suas atividades, a arte e, em especial a arte com palavras, acúmulo das manifestações de cultura, e esforço pela superação de limites do tempo, do espaço, da memória, da matéria, pelo enigma da expressão criadora, de que a crítica é um pontos mais sublimes. Na *Humildade...* tece, criteriosamente, seu itinerário:

“A articulação dessas três operações fundamentais da abordagem crítica – o comentário, a análise e a interpretação – é, então, buscada em cada um dos ensaios de modo a transformar cada um deles numa tentativa de apreensão do todo. Através da desmontagem, contextualização e remontagem das partes (movimento com que se espera produzir o inteligível), cabe a cada ensaio individual a função de resumir esquematicamente e, ao mesmo tempo, generalizar a partir do detalhe concreto a visão da totalidade, enredada entre todos” (p.17).

Mas convém lembrar a precisa relação dos capítulos 7 e 8 que conversam com a 5ª parte do capítulo 9 (alegoria e sentido), juntamente com os comentários desentranhados d’*O Enigma e comentário*, reflexões tecidas na intertextualidade ressaltando o papel do escritor, de sua função e sua técnica, de que se deve extrair um exemplo:

“Desse ponto de vista, a dificuldade objetiva da síntese da totalidade que o símbolo encarna, explica, portanto, a voga moderna da alegoria, ao mesmo tempo que lhe reconhece a base real na história do capitalismo

moderno, à qual se vincula a condição do trabalho do poeta enquanto produtor para o mercado, sujeito como todo trabalho à alienação e à corrosão de sua substância humana.” (Humildade... p.272).

Confronte-se com esta passagem do comentário acerca de *O que é isso companheiro?* em que a questão dos procedimentos também se põe:

*“Diferentemente da maioria da ficção de agora, o signo não é aqui ocultamento de sentido, forma alegórica. Ao contrário, aqui algo se dá a conhecer e se busca. A experiência pessoal se faz experiência comum, isto é, a linguagem **simboliza**, mediante a trajetória intrincada e particularizadora que leva do marcadamente individual à totalidade, perseguida na interrogação. Isto põe o livro além da confissão.” (Enigma... p.133).*

A experiência estética e histórica de que é dotado, os instrumentos que maneja com rigor juntam-se a cada passo para generosamente partilhar com o leitor, com que está sempre em sintonia:

“Ao leitor, se pede ainda mais que paciência: gosto e o esforço da decifração, e seguir o movimento dos ensaios em busca de algo que se esquivava, entranhado nos poemas, mas pode, quem sabe, revelar-se como uma iluminação. Foi o que senti, ao ler muitas vezes, sempre com prazer a poesia de Bandeira. Este livro é um pouco a história dessa leitura.” (Humildade... p.18).

Não é com esforço e sim com prazer que o leitor acompanha Davi Arrigucci Jr. em seus ensaios. Como um itinerante, conduzido nas veredas e nas sendas de um sertão de muitos mistérios e encantamentos, que irrompem em instantâneos de imagens e sons profusos, cujos sentidos só se revelam nos passos seguros e meditados do conhecedor dos caminhos, capaz de integrar os fragmentos do percurso numa rota de sentido e direção em que cada obstáculo da compreensão é meticulosamente retirado para exibição

completa da figura em seu mundo. É o seu comentário que expõe essa abundante paisagem gerada na criação da arte aos olhos de todos nós, minuciosamente revelada para além do possível:

“...a literatura tem o poder de se renovar sempre, sempre indagando o sentido de um enigma, cuja resposta não se pode alcançar de todo – chave perdida ou saber inacessível. Latente no seu interior, o enigma equivale a uma semente que jamais perde a força da germinação. Northrop Frye, teórico dos gêneros e convenções literárias, serve-se precisamente dessa analogia botânica, para reconhecer no enigma (riddle) um gênero elementar não classificado.(...) Junto com o som e o ritmo que encantam, o enigma nos desafia pela imagem: tem afinidades pictóricas, como se vê pelos velhos livros de emblemas; enfatiza o aspecto visual da literatura, em sua configuração imagética, que nos pede a tradução conceptual de um sentido. Como se uma atração inexplicável exigisse ao mesmo tempo uma tradução racional, ou como se uma pulsão profunda emergisse desejosa de se converter em conhecimento. Mas de algum modo retornamos a Aristóteles e seu enredo: o mythos feito de imagem, movimento rítmico. A literatura posta entre a pintura e a música, misturando fascínio e pensamento. (Enigma e comentário p. 235).

Os dois poemas que inspiraram os ensaios “A beleza humilde e áspera” e “A arquitetura da memória” respectivamente “O cacto” e “As ruínas de Selinunte” guardam essa energia concentrada e múltipla que se expande a partir do núcleo criador em todas as direções, com tantos sentidos que só mesmo uma leitura decifradora e pacientemente amorosa consegue recuperar. Para isso, a linguagem do crítico forma uma rede tecida como armadilha que apreende o objeto metamorfoseado na linguagem poética, um véu de mistério. O crítico então é um caçador de formas e de conceitos, reunidos em imagens que amplia e observa para exibir e explicar, como se fossem uma presa delicada que na teia se ilumina até a transparência e a projeta como um móbile multidimensional. Sua linguagem é também uma incidência e uma recorrência multidirecional, irradiada em linhas variáveis, perfeitamente ajustadas às formas e ritmos, aos tons e afetos que emanam desse foco de atenção.

Em certas circunstâncias e momentos é preciso a meticulosa paciência de pescador com seus silenciosos movimentos de linha, em espreita do sinal decisivo para o golpe que desfaz o segredo e expõe o oculto para servi-lo aos sabores do leitor. Com perícia de mestre retira das profundezas da memória, das águas da tradição, dos corredores da cultura, dos sendeiros da história, dos meandros das expressões estéticas todos os alimentos da curiosidade dos companheiros de aventura, aos quais, generosamente oferece o requintado produto de seu trabalho. Sem vaidade e parcimônia, manifesta o talento que divide como um bem comum. Vai projetando as imagens e conceitos, que decifra como cinematográficas iluminuras dos textos que analisa e comenta, isto é, descobre e ilumina, com requinte de sábio intérprete: do autor, do texto em seu contexto, do apreciador comum e do leitor ideal, socializado na concretização da língua em que se fazem entender. Encontram-se no engenho de Davi Arrigucci Jr. a técnica que é arte e artesanato, sofisticada e profunda visão crítica aguçada pela sensibilidade afinada com a imensa inteligência e a incansável devoção ao trabalho nas qualidades que demonstra como professor, crítico e pensador, que colheu as lições que recebeu e as reproduziu, acrescidas de sua afetiva vivência profissional do dia-a-dia, virtuoso, talentoso como os mestres que tomou por modelos e inspiração.

N'O cacto e as ruínas, dois ensaios sobre dois magníficos momentos da expressão poética brasileira, o crítico, solidário com esses momentos de criação, com a mesma fluência do leitor-autor, refaz os percursos, recompõe as figuras e recupera a gênese dos poemas, de seus sentidos e de suas múltiplas interações estéticas. Faz a síntese das leituras praticadas em sincronia e diacronia, completo exercício de descobrimento, numa linguagem conscientemente clara e sobriamente digna dos autores que examina, literariamente expressiva como os textos que estuda e elucida, com método que explora as mais delicadas inquirições filológicas e estilísticas e as reúne com o precioso resgate das condições estéticas da criação.

“A beleza humilde e áspera” dedicado à memória de João Luiz Machado Lafetá, compreende três partes: na primeira, dois capítulos – “A força calma” e “Inextinta estrela” –, em que apresenta

o poeta, inserido no momento literário e no seu momento poético, e o poema que deles resulta; na segunda, constituída de quatro capítulos em que examina o tema e a matéria do poema, suas relações genéticas, sua articulação com a tradição e com o gênero, com as marcas literárias, estéticas e motivos que conformam o poema, o método da sua construção, com as matrizes estilísticas que o informam: “O monstro prosaico e sublime” “Cactos comparados” “Matéria e método” e a “Análise” que completa o exame; na terceira e decisiva a síntese refletida de apreciação:

“A imagem do cacto se prestava, portanto, à expressão das camadas mais profundas, da substância mais íntima, da interioridade do poeta. Assim, no cacto como na estrela, outra imagem central da obra bandeiriana, a força extrema da vida dramaticamente se encontra com a da morte, e se unem no símbolo, de que se espalha, perene, a força da poesia.” (p.70).

Na “Arquitetura da memória” dedicado singularmente para Malu, o ensaio sobre “As ruínas de Selinunte” tarefa monumental de desmontagem e reconstrução do poema de Murilo Mendes, é realizado como numa excursão por obras, tempos e lugares em que a sensibilidade manifesta do crítico alcança sublime expressão. Compõe-se de três partes, ritual harmônico de celebração artística como convém ao assunto, ao poema, ao ensaio que o decifra e ao livro que os reúne, em comunhão com o estudo exemplar d’O cacto, de Bandeira. As duas epígrafes que abrem o texto já são eloqüentes:

Qual a forma do poeta?

Qual seu rito?

Qual sua arquitetura?

Murilo Mendes

Tudo dispuseste com medida, número e peso

Livro da Sabedoria

O ensaio consegue alcançar as recônditas marcas da tradição que sustenta o processo criativo, aparentemente tão distante

das relações com o momento estético em que se encontra o poeta. Na primeira parte em que se situam o poeta e suas raízes, uma frase prenuncia a tarefa que o crítico vai enfrentar:

“Sua poesia era de uma beleza estranha e única, feita do atrito das idéias e das coisas.”

E logo a seguir:

“Até hoje não sei se o esforço crítico para conhecê-la foi de todo feliz, por sua complexidade e múltiplas dimensões.”

Situando o poeta em seu universo, bem como o poema em seu contexto, nas duas partes iniciais do ensaio reúnem-se os pressupostos para a compreensão de: “As ruínas de Selinunte” poema inserido na *Siciliana*, que contempla a milenar Sicília, projeção vigorosa de um palco histórico de que todos participamos:

“Desse modo, o movimento de reerguimento das ruínas sugere propriamente o reinício do trabalho civilizatório que dá origem à construção humana, refazendo-se a arquitetura (cujo processo o poema espelha ao se formar), restaura-se o teatro onde de novo se encena nosso destino (nossa História) que nos condena, pelo mesmo movimento, à repetição da catástrofe. No palco da Sicília, vamos assistir ao renascimento da tragédia, da nossa tragédia.

Como no próprio processo da construção do poema, que analisa e recompõe, o ensaio, na parte final, refaz com arte a arquitetura da obra e da memória, articuladas na intuição criadora numerada e medida na forma e no rito que perpetua e consagra o objeto e a crítica que o decifra, também com engenho e arte, num trabalho de penetração, análise e compreensão de todos os elementos que integram o universo histórico, cultural e estético que iluminam e adornam nossa cotidiana aventura – a obra de arte literária, dignamente esclarecida pela atividade constante e virtuosa de Davi Arrigucci Jr., de que a obra *O cacto e as Ruínas* é mais uma preciosa concretização.

290 ARRIGUCCI Jr., Davi. *O cacto e as ruínas. A poesia entre outras artes*, por Osvaldo Humberto L. Ceschin. *Língua e Literatura*, nº 23, p. 283-290, 1997.

Durante a idade média corria na Ibéria um conceito, que se pode atribuir a Teodulfo, de que a poesia é uma “fermosa cobertura que encubre úteis verdades” Retirar sutilmente essa camuflagem e deixar expostas as verdades da poesia é uma habilidade rara de que o Autor de *O cacto e as ruínas* dá demonstrações cabais em cada trabalho crítico com que presenteia o leitor.